

Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica

Suraya Cristina Darido
Universidade Estadual Paulista

Resumo

A Educação Física na escola tem como função contribuir para a formação do cidadão, o que implica colocar-se contra valores e práticas sociais que desrespeitam a dignidade da pessoa. Assim, o objetivo deste trabalho é desvelar e explicitar as discriminações e preconceitos associados à questão de gênero, a partir da prática do futebol feminino no Brasil. Mais especificamente, procurou-se compreender as razões para o início tardio da participação feminina no esporte no país, bem como analisar as interfaces e desdobramentos desta prática no interior da escola. Para atingir tais objetivos foram analisadas matérias de jornais e entrevistas concedidas pelas jogadoras de futebol feminino. Além disso, procedeu-se uma análise de artigos, teses e trabalhos de conclusão de curso realizados no Brasil, tendo como foco a temática do futebol feminino. A partir destas análises, pode-se depreender que o início do futebol feminino esteve atrelado a jogos realizados entre empregadas domésticas, boates homossexuais e jogos entre modelos, ainda na década de 70. Contudo, o futebol institucionalizado teve início em meados da década de 80, vinculado, sobretudo aos interesses comerciais de patrocinadores, em particular a mídia televisiva. Em relação à questão de gênero, o papel do professor torna-se ainda mais complexo, uma vez que ele deve considerar todas as características do contexto pedagógico para tomar a decisão de unir ou separar os grupos de alunos.

Palavras-chave: educação física escolar; pedagogia do esporte; futebol feminino.

Abstract

Women's soccer in Brazil: from its beginning to the pedagogical practice

Physical Education inside school has the function of contributing to the citizen's formation, what implies on a standpoint against social values and practices, which disrespect one's dignity. Thus, the purpose of this study is to show discriminations and prejudices associated with gender, related to women's soccer practice in Brazil. More specifically, it was tried to explore the reasons for the late beginning of the sport in this country, and to analyse the interfaces and aftermath of the school intramural practice. Newspaper and magazine articles, and female soccer players' interviews, were analysed in order to achieve these goals. Besides, an analysis of articles, thesis and monographs produced in Brazil was done, focusing on the women's soccer theme. Hence these analyses have been given, one could note that the very beginning of women's soccer was related to games among maids, models and homosexual clubs, yet in the 70s. Nevertheless, the institutionalized soccer had its starting point in the mid 80s, bound mainly to the sponsors' commercial interests, particularly TV media. On the gender subject, the teacher's role becomes even more complex, once he/she shall consider all characteristics of the pedagogical context to decide unite or separate students' groups.

Key Words: school physical education; sport pedagogy; women's soccer.

Educação, educação física e cidadania

A sociedade brasileira carrega uma marca autoritária, além de ter uma larga tradição de relações políticas paternalistas e “clientelistas” com longos períodos de governos não democráticos. Até hoje, é uma sociedade marcada por relações sociais hierarquizadas e por privilégios

que reproduzem um altíssimo nível de desigualdade, exclusão e injustiça. Na medida em que boa parte da população não tem acesso a condições dignas de vida, encontra-se excluída da plena participação nas decisões que determinam os rumos da vida social. É nesse sentido que se fala de ausência de cidadania, cidadania excludente ou regulada (Brasil, 1998a).

A escola deve ser um espaço privilegiado de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania, promovendo discussões sobre a dignidade, igualdade de direitos, recusa de formas de discriminação e importância da solidariedade.

A Educação Física, por sua vez, não pode se recusar a colaborar com estes objetivos e funções na escola. Atualmente, entende-se a disciplina na escola como uma área que trata da cultura corporal de movimento e que tem como finalidade introduzir e integrar o aluno nessa esfera, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e, também, transformá-la (Brasil, 1998b). Nesse sentido, o aluno deverá ser instrumentalizado para usufruir dos jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. Assim, o papel da Educação Física na escola deve estar atrelado à formação do cidadão emancipado (Darido et al., 2001).

Eleger a cidadania como eixo implica colocar-se contra valores e práticas sociais que desrespeitem a dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos, participação e corresponsabilidade pela vida social.

Neste estudo procurou-se desvendar e explicitar as discriminações e preconceitos associados à questão de gênero, especificamente a partir do futebol feminino, com o propósito de combater relações autoritárias e questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para a sua transformação. Mais especificamente, buscou-se compreender as razões para o início tardio do esporte no país, bem como, analisar as interfaces e desdobramentos desta prática no interior da escola. Para atingir tais objetivos foram analisadas matérias de jornais e entrevistas concedidas pelas jogadoras de futebol feminino, bem como artigos, teses e trabalhos de conclusão de curso realizados no país, tendo como foco a temática do futebol feminino.

Atividade física e gênero

Os números são contundentes e revelam algumas questões importantes sobre as relações entre atividade física e as relações de gênero. A pesquisa do Datafolha (60%..., 1997a, p.12) identificou que 40% dos brasileiros realizam algum tipo de atividade física. Entre esses, 62,5% são homens e 37,5% mulheres. É importante ressaltar que esta pesquisa ouviu 2.000 pessoas de todo território nacional e que considerou como prática da atividade física, inclusive aquelas realizadas uma vez por mês ou aquelas com objetivos de trabalho. A diferença entre a participação feminina e masculina é bastante alta, indicando a necessidade de maiores reflexões sobre as razões destas diferenças.

De acordo com os resultados da mesma pesquisa, entre os 60% que não praticam atividade física, 65% alegam falta de tempo ou excesso de trabalho. Neste sentido, embora não tenha sido objeto específico da pesquisa do Datafolha (60%..., 1997a, p.12), sabe-se que a mulher enfrenta, em muitos casos, a jornada dupla de trabalho, ou seja, trabalho profissional e trabalho dentro de casa, além dos cuidados

com os filhos, levando-a, conseqüentemente, a possuir um menor tempo disponível para as práticas esportivas ou de lazer.

O mesmo jornal (E a faxina..., 1999, p.10) trouxe o resultado de uma outra pesquisa, realizada nos EUA, que mostra que as mulheres casadas ainda realizam 70% do trabalho doméstico. Elas gastam 39,8 horas por semana entre faxina, cozinha e cuidados com as crianças, enquanto os homens gastam 18,8 horas. Possivelmente, a falta de tempo pode ser um fator limitante para a prática de atividade física, especialmente entre as mulheres.

As práticas de atividade física mais comuns no Brasil são: futebol e caminhada com 14%, ciclismo com 5%, ginástica com 4%, natação com 3%, corrida, musculação e vôlei com 2%, artes marciais, aeróbica, dança, basquete e capoeira com 1%, (60%..., 1997a, p.12). Entre as práticas mais freqüentes do brasileiro pode-se constatar o papel preponderante dos esportes.

O maior número de praticantes do sexo masculino também pode estar vinculado ao fato do esporte ter sido construído como um meio de expressão da masculinidade. Altman (1998) resalta que o esporte (como expressão do masculino) pode ser observado pela linguagem dos uniformes e dos refrões que ocorrem na escola, que não apenas reproduzem uma determinada imagem masculina do esporte, como a constitui. Não é, porém, a qualquer masculinidade que o esporte se associa, mas à imagem de um homem forte, violento e vitorioso. A autora explica que a associação do esporte à masculinidade varia de acordo com a modalidade, e na escola o futebol é considerado o mais masculino dos esportes.

Por outro lado, Romero (1994) entende que há diferenciação efetiva em termos de experiências de movimentos vivenciados por meninos e meninas. Aos primeiros são permitidas e incentivadas brincadeiras mais agressivas e livres, eles jogam bola nas ruas, soltam pipas, andam de bicicleta, rolam no chão em brigas intermináveis, escalam muros e realizam muitas outras atividades que envolvem riscos e desafios. As meninas, por outro lado, são desencorajadas, e até mesmo proibidas, de praticarem essas brincadeiras e atividades e, em função desse tratamento diferenciado, tem-se um quadro de desempenho motor igualmente diferenciado.

A pesquisa do Datafolha (60%..., 1997a, p.12) indica que entre as mulheres que realizam atividade física, 17% preferem a caminhada, e entre os homens 29% preferem o futebol. Pode-se especular que a preferência da caminhada pelas mulheres ocorre em função do baixo nível de exigência motora.

Quando os sujeitos foram questionados sobre as razões que os levam a se exercitarem, 53% responderam que é para emagrecer/manter a forma, 36% por razões ligadas à saúde, 20% ao hábito, 16% por ordem médica, 13% por questões de lazer, 11% para ter mais disposição e 10% para combater o estresse. Embora não tenha sido objeto de análise deste estudo, é possível aventar que grande parte dos indivíduos que se referiram à primeira razão são de mulheres, já que a cobrança por valores ligados a estética ainda é superior nesse gênero.

Futebol feminino

Em artigo bastante interessante, Faria Jr. (1995) reconstitui e identifica as opiniões emitidas por especialistas e leis a respeito da prática do futebol pelas mulheres, ao longo do século. Algumas destas posições são bastante esclarecedoras quanto à concepção que vigorava sobre a participação feminina no futebol, associada às dimensões da saúde, maternidade, razões estéticas e de feminilidade.

Ballariny (conforme citado por Faria Jr. 1995) argumentou que o futebol é um desporto violento e prejudicial ao organismo não habituado a esses grandes esforços. Além disso, provoca congestões e traumatismos pélvicos de ação nefasta para os órgãos femininos. O mesmo autor ressalta que a prática do futebol pelas mulheres proporciona um antiestético e desproporcional desenvolvimento dos membros inferiores, por exemplo, tornozelos rechonchudos, pernas grossas arqueadas e joelhos deformados.

Assim como Ballariny, Areno (conforme citados por Faria Jr. 1995) também argumentou contra a participação das mulheres no futebol feminino, afirmando que o futebol tem por finalidade desenvolver qualidades não visadas na mulher ou desnecessárias e desgraciosas a elas.

A legislação, do mesmo modo que os especialistas, contribuiu para que o processo de entrada da mulher no esporte mais praticado no país se desse apenas no final da década de 80. De acordo com Castellani Filho (1991) durante a ditadura militar o CND (Conselho Nacional de Desporto), através da resolução número 7/65, proibiu as mulheres de praticarem lutas, futebol, pólo aquático, pólo, rugby e baseball. Somente em 1986 o CND reconheceu a necessidade de estímulo à participação das mulheres nas diversas modalidades esportivas do país.

A pergunta que nos colocamos por ora é a seguinte: Como e por que, apesar de todas as posições contrárias, as mulheres iniciam a prática do futebol no país? Quais as barreiras enfrentadas por elas? Qual a situação atual do futebol feminino no país? Qual o papel da Educação Física e do futebol feminino na escola?

O início do futebol no Brasil

Existem diferentes versões para o início da prática do futebol feminino no país. Salles, Silva e Costa (1996) buscaram ressaltar este início através de fontes orais e escritas. Analisam uma matéria do **Jornal do Brasil de 29/11/76** cujas informações sugerem que as primeiras partidas de futebol feminino na praia foram jogadas no Leblon, no mês de dezembro de 1975, sempre tarde da noite em função das jogadoras serem empregadas domésticas.

Por outro lado, a Revista Veja (Flores...1996, p. 72-73) traz uma matéria afirmando que o futebol feminino teve seu início marcado por jogos organizados por diferentes boates gays no final da década de 70. Ainda tendo como debate o início do futebol no país, o jornal (Brasil...1996, p.5) revela que o futebol feminino esteve relacionado a peladas de rua e a jogos beneficentes. Para exemplificar, citam um jogo

ocorrido em 1959 por atrizes do teatro de revista, que jogaram uma partida beneficente no Pacaembu.

Na verdade, o futebol feminino institucionalizado iniciou-se em meados da década de 80. Salles et al. (1996) afirmam que no Rio de Janeiro constam informações que a primeira liga de futebol feminino do Estado do Rio de Janeiro foi fundada em 1981, e que muitos campeonatos que se seguiram eram patrocinados por diferentes empresas. Ocorreram o I Campeonato de Praia Feminino do Rio de Janeiro-Copertone Open de Futebol Feminino, I Torneio de Futebol Society Feminino – Casas Pernambucanas; I Copa Regine's Cinzano de Futebol Feminino, Copa Unibanco de Futebol Feminino, e outros. Desta forma, não é possível separar o início do futebol feminino dos investimentos realizados no esporte pela iniciativa privada.

De acordo com o jornal (Brasil...1996, p.5), em rápido resumo da história do esporte, a explosão do futebol feminino no país ocorreu na década de 80. O time carioca Radar colecionou títulos nacionais e internacionais. Em 1982, conquistou o Women's Cup of Spain, derrotando seleções da Espanha, Portugal e França. A vitória estimulou o nascimento de novos times e, em 1987, a CBF já havia cadastrado 2 mil clubes e 40 mil jogadoras. No ano seguinte, o Rio de Janeiro organizou o Campeonato Estadual e a primeira seleção nacional conquistou o terceiro lugar no inédito Mundial da China. O ano de 1988 marcou também o início da decadência do Radar e, com ele, do futebol feminino do Brasil.

Somente em janeiro de 1991, os dirigentes voltaram a procurar as jogadoras para formar uma seleção para o Mundial na China. Nessa época, o regulamento já era o mesmo do futebol masculino. Com a entrada do esporte nos Jogos Olímpicos, o Brasil de novo correu atrás do prejuízo e alcançou o quarto lugar na Olimpíada de Atlanta.

Mas, por quê depois de décadas sendo praticado quase que exclusivamente por homens, o futebol passa a ser praticado por mulheres?

No contexto do início da prática do futebol feminino no Brasil não é possível deixar de lado o papel desempenhado pela mídia, especificamente, da Rede Bandeirantes, que teve papel decisivo no fortalecimento e divulgação desta modalidade no Brasil. Certamente, por interesses econômicos e não na tentativa de romper com os valores sexistas e discriminadores.

Em meados da década de 80, a televisão passou a exibir os jogos de futebol feminino, pois, como afirmou Kenski (1995), o esporte é um ótimo investimento, já que o espetáculo é fácil de ser produzido, os cenários e atletas já estão preparados e custa pouco para os investidores, sendo que, para a mídia em geral, o esporte é uma fonte inesgotável de notícias, de público e de lucro. A Rede Bandeirantes detinha na época uma grande quantidade de espaço dedicado ao esporte. Considerando que o futebol masculino é disputado por diferentes redes a um custo mais alto, a emissora, para preencher os espaços destinados ao esporte, abriu oportunidades para o futebol feminino na televisão.

Mas é o depoimento de uma atleta da seleção brasileira de futebol que disputou a Olimpíada em Atlanta (1996),

resultado da pesquisa conduzida por Todaro (1997), que permite compreender mais apropriadamente o início do futebol feminino no país:

"Eu sempre fui muito sapeca. Gostava de subir em árvores, eu era muito ativa e geralmente as meninas de meu tempo eram "paradas", não gostavam de correr, de brincar e geralmente quem fazia estas coisas eram os meninos, principalmente a nível de escola. Eu sempre ficava com os meninos brincando, jogava com meus irmãos, meus primos e as meninas ficavam brincando de boneca e casinha. Isto não me interessava. Eu adorava fazer tudo o que tinha vontade" (Todaro, 1997, p. 44).

Na verdade, este depoimento retrata os desejos e a expressão das potencialidades humanas existentes em cada ser humano e que são muitas vezes dificultadas pelos estereótipos de gênero.

Dificuldades enfrentadas pelas mulheres: O caminho para os campos de futebol

Souza Jr. (1991) implementou um programa de futebol feminino numa escola pública durante dois meses e procurou verificar as opiniões das alunas a respeito da prática desta atividade, lembrando que o futebol feminino, ao contrário dos dias de hoje, não tinha grande aceitação. Os resultados mostraram-se bastante interessantes e curiosos.

A maioria das garotas afirmou que já havia participado de algum jogo com os pés, em casa, nas ruas com amigos e vizinhos e durante reuniões realizadas em situações religiosas. No entanto, ressaltaram que aquela era a primeira vez que experimentavam esta atividade dentro do espaço escolar.

Do mesmo modo, o trabalho conduzido por Todaro (1997) mostrou que as atletas da seleção brasileira de futebol feminino começaram a praticar futebol nas ruas, clubes e praias, e que evitavam a escola.

Interessante é a exclusão da escola como local possível para a prática do futebol feminino. Isto ocorreu, provavelmente, porque quanto maior o número de pessoas observando, especialmente se for do sexo oposto, mais as garotas se intimidam em participar de atividades ditas predominantemente masculinas. Altman (1998) lembra que as meninas agem de maneira não condizente com o modelo de feminilidade hegemônico na escola de forma mais freqüente na ausência dos meninos.

Do mesmo modo, Thorne (conforme citado por Altman 1998), comparando a escola com grupos de amigos de bairros, concluiu que lugares mais populosos, como a escola, oferecem testemunhas em potencial e as gozações tornam as relações entre gênero mais arriscadas, aumentando a distância entre meninos e meninas e marcando fronteiras de gênero.

Estas considerações nos auxiliam a compreender as razões que tornam a escola um espaço mais comprometido com os valores da sociedade vigente. Mais um exemplo permite elucidar esta questão. Altman (1998), a partir dos

resultados de sua pesquisa de observação das questões de gênero na escola e de estudos de outros autores, afirma que a ocupação do espaço escolar se dá de maneira bastante distinta entre meninos e meninas. Enquanto as meninas aguardam o início das aulas sentadas, os meninos correm de um lado para o outro ou se chutam, ou chutam a bola. Além disso, incluindo todos os momentos dentro da escola, os meninos chegam a ocupar 10 vezes mais espaço físico do que as meninas.

Na verdade, mesmo com o aumento da prática do futebol também nos espaços escolares, o preconceito não deixou de existir. O depoimento da jogadora Cynthia (Mas..., 1997b, p.5) é bastante ilustrativo:

"Quando tinha dez anos Cynthia parou de jogar por um ano. Falavam que eu era João. Nesta época, desviava dos campos porque era muita tentação. A paixão pelo esporte foi muito maior que o preconceito. Superei isso. Hoje, não estou nem aí. Faço o que eu gosto".

Os resultados da pesquisa de Souza Jr. (1991) mostraram que a prática do futebol feminino é tolerada pelos pais, amigos e garotos, desde que a garota não tenha entrado na adolescência. Portanto, antes de assumir papéis que envolvam a escolha sexual.

Esta situação pode ser ilustrada através da análise da trajetória da jogadora Pretinha, uma das mais importantes da seleção nacional. O Jornal O Dia (conforme citado por Salles et al., 1996) relata que sua mãe a proibia de jogar futebol, mas a partir da insistência dos colegas acabou cedendo. Antes de se consagrar como artilheira da seleção, a jogadora levou muito "puxão de orelha" dos irmãos e até dos vizinhos. Talvez, afirmou sua mãe, o seu acesso à prática do futebol não tivesse ocorrido se não fosse sua semelhança física a um menino, uma vez que só quando os seios começaram a apontar sob a camiseta suada é que os rapazes descobriram que aquele garoto driblador e de chute certo era, na verdade, uma menina.

A perda da hegemonia masculina

Na pesquisa conduzida por Souza Jr. (1991), as garotas foram questionadas sobre qual seria a opinião dos garotos a respeito do fato delas estarem jogando futebol. Interessantemente, a maioria delas respondeu que eles passariam a considerá-las masculinizadas e que passariam a ter medo das meninas porque elas poderiam ganhar dos meninos.

O mesmo argumento pode ser observado na indagação de um jornalista durante os Jogos Olímpicos de Atlanta (citado por Salles et al., 1996), quando comparava o desempenho das seleções masculina e feminina de futebol e que questionou: "Já imaginou que situação esquisita se as mulheres trouxerem medalha de futebol e os homens não?".

Sousa (1996) lembra que um dos argumentos contra a co-educação no Estado de Minas Gerais na década de 30 foi a de que, se as meninas obtivessem notas melhores, estariam humilhando os meninos, colocando-os em condição de

inferioridade, pessimismo, desânimo, o que é evidentemente prejudicial ao espírito do rapaz.

Os resultados da pesquisa de Altman (1998) também auxiliam na discussão desta questão quando lembram que o papel do futebol feminino na escola representa, para os garotos, mais uma ameaça do que um desafio. A expectativa dos alunos de que práticas e espaços esportivos são dominados por meninos colocava-os, de certa forma, numa obrigação de ser superiores às meninas, as quais eram, *a priori*, consideradas más jogadoras, necessitando demonstrar o contrário se quisessem jogar com eles. Ainda assim, jogar com as meninas não era um desafio para os meninos, pois um bom desempenho contra elas não lhes creditava qualquer mérito especial, e jogar pior do que elas era um vexame, pois ia contra a expectativa de superioridade masculina nesse universo. Deste modo, jogar com as garotas representava para eles não um desafio, mas uma ameaça.

O papel do professor de educação física e a dimensão pedagógica

Reflexão sobre a mídia

No mundo contemporâneo, os esportes, as ginásticas, as danças e as lutas tornam-se, cada vez mais, produtos de consumo e objetos de informação amplamente divulgados ao grande público. Desde cedo, os alunos tomam contato com as práticas corporais e esportivas através da mídia. São transmissões esportivas, aulas de ginásticas, entrevistas, análises de regras e táticas esportivas, sugestões de novos exercícios e de equipamentos, etc (Betti, 1999).

Revistas, jornais, tv, internet, enfim, toda a mídia, percebendo a importância da cultura corporal, despendem cada vez mais tempo com informações e notícias sobre esporte e atividade física. São canais só de esportes, coberturas recordes de olimpíadas e inúmeras revistas recheadas de matérias sobre o corpo, oferecendo dicas sobre as diferentes práticas corporais.

É uma quantidade enorme de informações acerca da cultura corporal influenciando a construção do imaginário social. São estabelecidos padrões de corpos, convencionam-se o esporte como a única manifestação da cultura corporal, instiga-se o consumo de materiais e equipamentos esportivos cada vez mais modernos e produzidos por tecnologias avançadas. Em contrapartida, divulgam-se atletas que fazem uso de anabolizantes, apresentam-se exigências físicas de um atleta de alto rendimento que convive com a dor e as lesões, denunciam-se os riscos da prática de uma atividade física intensa sem orientação profissional, além de outros.

No entanto, o que a mídia propicia é, à primeira vista, um grande mosaico sem estrutura lógica aparente, composto por informações desconexas e, em geral, descontextualizadas. A Educação Física na escola não pode ignorar a mídia e as práticas corporais que ela retrata, bem como o imaginário que ela ajuda a criar. Entendemos que uma das funções da Educação Física na escola é justamente integrar criticamente o aluno na esfera da cultura corporal (Betti, 1999).

Motriz,

Para que isso realmente ocorra, é necessário que as aulas de Educação Física na escola forneçam informações relevantes e contextualizadas sobre os diferentes temas da cultura corporal. Um exemplo permite compreender melhor esta questão. Segundo a Revista Veja (1996) o clube mais antigo de futebol feminino do Brasil, SAAD, com quinze anos de atividade, percebendo que o futebol crescia no meio da juventude feminina, fez um projeto de marketing cujo grupo de jogadoras obedeceria ao novo perfil da modalidade, de atletas jovens e, sempre que possível, atraentes. De acordo com os autores desta proposta, moças bonitas jogando futebol despertariam nas mulheres de todas as faixas etárias o interesse pela prática deste esporte. Na verdade, esta afirmação, ou melhor, esta prática é marcada por mais um preconceito.

No momento em que o espaço foi aberto para a prática do esporte, elas só poderiam participar de uma equipe caso fossem atraentes. Na verdade, de um desafio "jogar futebol", passam a ter que conviver com outro, "ser bonita" para jogar. É óbvio que por trás estão interesses econômicos ligados ao esporte. Mulheres bonitas "vendem" com mais facilidade, mas é fundamental estar atento a essas novas formas de discriminação. Então, caberá à disciplina Educação Física manter um permanente diálogo crítico com a mídia, trazendo, por exemplo, tais reflexões para o contexto escolar.

Procedimentos metodológicos

Quanto aos aspectos metodológicos que devem ser adotados pelos professores de Educação Física, duas posições diferentes podem ser observadas na área; Faria Jr. (1995) e Altman (1998).

Faria Jr (1995) entende que a prática do futebol como desporto de equipe pode atuar como meio eficaz de ensinar aos jovens a tolerância e aceitação das diferenças individuais e, para isto, propõe uma série de procedimentos dos professores de Educação Física:

-Dividir os alunos em grupos equilibrados em relação às habilidades motoras, força e velocidade, e para os jogos, designar quem tem mais habilidade, força ou velocidade, para marcar quem é mais habilidoso, forte ou veloz da outra equipe.

-Modificar as regras de tal forma que dois sucessivos chutes a gol não possam ser dados por jogadores do mesmo gênero. Cada tentativa a gol terá uma intervenção precedente do jogador de outro gênero (o menino passa a bola e a menina tenta a finalização a gol, ou vice-versa).

-Evitar situações como: relacionar as meninas por último, escolher apenas os meninos para fazer demonstrações, designar apenas os meninos para capitão da equipe, dirigir atenções preferencialmente a eles. Evitar piadas e linguagens com conotações sexistas, por exemplo, marcação homem-homem em jogo de mulheres.

-Utilizar estratégias de modelação, mostrando fotos e desempenho de jogadoras de futebol.

Altman (1998) levanta alguns contra-argumentos com relação às mudanças das regras para facilitar a participação das garotas. Ao criar regras específicas que possibilitam

uma maior participação feminina no jogo, condiciona-se o gol ao toque de todos os jogadores ou autoriza-se apenas às meninas a marcá-los. Essas regras, ao impedirem que um jogador livre de marcação marque um gol, quebram a dinâmica do jogo, e as meninas podem ser "culpadas" por isso, pois fora por causa delas que as regras haviam sido modificadas. Modificar as regras do jogo pode representar, como lembra Louro (1995), uma forma de ajustar o jogo à debilidade feminina, mais uma vez consagrando-se a idéia de que o feminino é um desvio construído a partir do masculino.

Assim, uma intervenção que se propõe a evitar a exclusão acaba, contraditória e simultaneamente, a gerá-la. A exclusão é aí tratada como unicamente de gênero, como se apenas as meninas enfrentassem esse problema, sendo desconsideradas outras formas de exclusão às quais a de gênero está acoplada. Priva-se, assim, outros excluídos dos possíveis benefícios gerados a partir da intervenção.

A exclusão gerada pela competitividade não se manifesta apenas quando o jogo é praticado entre pessoas do mesmo sexo, ou seja, ela não é um problema somente de gênero. Gênero, idade, força e habilidade são critérios, entre possíveis outros, que formam um emaranhado de exclusões (Altman, 1998).

Na verdade, a estratégia mais adequada no tratamento das questões ligadas ao futebol feminino é unir e separar os meninos das meninas, dependendo das atividades que estão sendo realizadas, bem como das características do grupo, nível de habilidade, número de alunos e outras. Esta consideração acaba por tornar o trabalho do professor ainda mais complexo, uma vez que ele deve considerar todas as características do contexto e tomar a melhor decisão, entre unir ou separar os grupos (Darido, 1999).

Considerações Finais

Podemos dizer que a prática do futebol feminino no nosso país só foi possível graças a uma conjunção de fatores, entre eles a resistência de algumas mulheres, interesses econômicos representados especialmente pela mídia, além da democratização do país ocorrida a partir da década de 80 e, com menor força, as próprias discussões efetuadas no campo acadêmico da Educação Física/Esporto.

O reconhecimento e a reflexão sobre as diferenças entre os alunos permitem ao professor utilizar o esporte e outras práticas corporais como meios eficazes de ensinar aos jovens a tolerância e a aceitação das diferenças individuais.

Por exemplo, em situações de co-educação, os professores de Educação Física podem propor um trabalho diversificado de procedimentos que inclua mudanças das regras e outras alternativas discutidas com o grupo, no sentido de facilitar a participação de todos e permitir uma reflexão sobre a diversidade e a inclusão.

A adaptação e a modificação das atividades no sentido de contemplar a heterogeneidade do grupo devem se estender a todas as situações nas quais o professor perceba o afastamento dos alunos das atividades. A exclusão pode se dar por diferentes razões, como grau de habilidade, gênero,

nível de força, classe social e outros. É papel do professor identificar e estar atento a essas questões para poder melhor encaminhar alternativas, que possam ser construídas em conjunto com os alunos.

São inegáveis as muitas diferenças no comportamento de meninos e meninas. Reconhecê-las e trabalhar para não transformá-las em desvantagens é papel de todo educador. Estar atento às questões de gênero que ocorrem numa aula de Educação Física é uma forma de ajudar os jovens a construir relações de gênero com equidade, respeito pelas diferenças, somando e complementando o que os homens e as mulheres têm de melhor, compreendendo o outro e aprendendo com isso a serem pessoas mais abertas e equilibradas.

Referências Bibliográficas

- 60% dos brasileiros estão parados. (1997a, nov. 27). Folha de São Paulo, p. 12.
- Altman, H. (1998). Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Betti, M. (1999). Educação Física, Esporte e Cidadania. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 20, 2-3.
- Brasil tem 750 jogadoras e a China, 23 milhões. (1996) O Estado de São Paulo, p. 5.
- Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. (1998a) Parâmetros Curriculares Nacionais. Documento Introdutório. Brasília: MEC.
- Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. (1998b) Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física. Brasília: MEC.
- Castellani Filho, L. (1991). Educação física no Brasil: a história que não se conta. Campinas; Papirus.
- Darido, S. C. (1999). Educação física na escola: questões e reflexões. Araras, SP: Gráfica e Editora Topázio.
- Darido, S. C., Rangel-Betti, I. C. A., Ramos, G. N. S., Galvão, Z., Ferreira, L. A., Silva, E. V. M., Rodrigues, L. H., Sanches, L., Pontes, G. & Cunha, F. (2001). A Educação Física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Revista Paulista de Educação Física, 15, 17-32.
- E a faxina, quem faz? (1999, mar. 28). Folha de São Paulo, p.10.
- Faria Jr, A.G. (1995). Futebol, questões de gênero e co-educação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. Revista de Campo: Futebol e Cultura Brasileira, 2, 17-39.
- Flores do Campo. (1996) Revista Veja, p. 72-73.
- Kenski, V. (1995). O impacto da mídia e das novas tecnologias de comunicação na Educação Física. Motriz, 1, 129-36.

- Louro, G. L. (1995). Gênero, história e educação: construção e desconstrução. Educação e Realidade 20 (2), 101-131.
- Mas nem sempre conspirou a favor. (1997b, mar. 17), Folha de São Paulo, p.5.
- Romero, E. (1994). A educação física a serviço da ideologia sexista. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 15, 3.
- Salles, J. G. C.; Silva, M.C.P. & Costa, M.M. (1996). A mulher e o futebol: significados históricos. Em S., Votve (Coord.) A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF.
- Souza, E. S. (1996). Professoras, de um lado! Professores, do outro! É possível mudar o rumo dessa história? Em A., Ferreira Neto (Org). Pesquisa Histórica na Educação Física Brasileira. Vitória: UFES-Centro de Educação Física e Desportos.
- Souza, Jr., O. (1991). A implementação de uma proposta de futebol feminino para a Educação Física escolar. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- Todaro, L. (1997). Considerações acerca do futebol feminino no país. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

Endereço:

Suraya Cristina Darido
Av. 1-A no. 1239 – Vila Bela
13506-748 – Rio Claro - SP
e-mail: surayacd@rc.unesp.br

Manuscrito recebido em 17 de janeiro de 2002

Manuscrito aceito em 11 de dezembro de 2002.